

Os efeitos do imediato: o acontecimento em construção nas coberturas jornalísticas ao vivo, de longa duração

The effects of immediate: the event under construction in live news coverage, long-term

Laerte CERQUEIRA¹

Resumo

Este estudo busca entender a construção do acontecimento jornalístico numa cobertura ao vivo, de longa duração, de fatos não programados. Levantamos a hipótese da construção de um *jornalismo difuso*. Conceito ainda em configuração, mas que, nesse momento, pode ser descrito como o jornalismo que destaca imagens captadas e transmitidas em tempo real, por meio de plataformas móveis e múltiplos equipamentos de captação e transmissão modernos e abre mão, numa primeira fase, de oferecer uma informação mais precisa e apurada do acontecimento. Nessa fase, esses estudos nos levam a crer que esse tipo de cobertura, minuto a minuto, colabora para materialização/enunciação de um jornalismo de interpretação, impressão do sujeito e descrição de cenas.

Palavras-chave

Telejornalismo; Coberturas ao vivo; Construção da notícia; Acontecimento jornalístico.

Abstract

This study seeks to understand the construction of a journalistic event live coverage, long-term, unplanned facts. We hypothesize the construction of a diffuse journalism. Configuration concept yet, but at this moment can be described as journalism that highlights images captured and transmitted in real time through mobile and multiple platforms to capture and modern transmission equipment and relinquishes, initially offering more precise and accurate information of the event. At this stage, these studies lead us to believe that this type of coverage, minute by minute, collaborates to materialize / enunciation of journalism interpretation, impression of the subject and description of scenes.

Keywords

TV Journalism; Live coverage; Construction News; Journalistic event.

RECEBIDO EM 23 DE OUTUBRO DE 2014
ACEITO EM 20 DE MAIO DE 2015

¹ Jornalista, doutorando em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco. Mestre em Letras pela Universidade Federal da Paraíba e graduado em Comunicação Social pela UFPB - Habilitação Jornalismo. Contato: laertecerqueira@hotmail.com

Você está em casa acompanhando a cobertura ao vivo de manifestações que acontecem nas ruas de várias capitais brasileiras. Num primeiro momento, fica surpreso com aquela dimensão. O que gera o interesse das mídias. As imagens impressionam porque o número de pessoas na rua é grande. São milhares, de todas as idades, que protestam por vários motivos. Mas é ainda mais surpreendente porque você acompanha o acontecimento por meio de câmeras instaladas em vários locais, para mostrar “tudo” de vários ângulos. Em algumas cidades, a imagem vem de um helicóptero, da sacada de um prédio, da rua. Numa outra cidade, a câmera está entre os manifestantes, ou a alguns metros de distância das faixas e cartazes de quem foi gritar. As imagens são geradas por um celular ou por uma minicâmera. O apresentador vira uma espécie de narrador. Descreve a cena que você também vê. Faz interpretações e usa todo seu capital cultural para fazer conjecturas, suposições e condicionar a construção daquele fato. Em seguida, o apresentador/narrador chama o repórter ao vivo de São Paulo, em seguida é a vez dos repórteres, em vários pontos, do Rio de Janeiro. A próxima entrada ao vivo é de Belo Horizonte, e logo entra o repórter dando as informações sobre o fato em Salvador, depois Recife, João Pessoa. Os repórteres também narram o que veem, descrevem o clima do local e retransmitem informações superficiais sobre o fato. Uma, cinco, dez câmeras ou mais tentam colocar o telespectador em cada cidade, em cada avenida, em cada cena. Nesta colcha imagética de retalhos, o apresentador e repórter, provavelmente com ajuda de outros profissionais que os abastecem com informações de última hora, de várias fontes, tentam dar significado àquelas imagens, explicar os motivos das faixas, da gritaria, dos protestos. Tentam desvendar o caminho da multidão, as suas angústias, seus líderes e anseios. Os “sujeitos” que contam a história das manifestações, visivelmente e verbalmente, parecem não saber como lidar com aqueles passos dados em avenidas, monumentos e praças do Brasil.

Depois de uma, duas horas assistindo, algumas vezes cochilando no sofá, ou indo beber água, o telespectador tem uma breve noção do que está acontecendo. Mas tudo que ele sabe e pode repassar e socializar vem em relatos daquela cobertura ao vivo, que tem ainda informações que não foram totalmente apuradas porque o fato está sendo significado ali, ao vivo. O discurso jornalístico, naquele momento, é baseado em algumas conversas, observações e interpretações rápidas de falas. Os atores dessa construção deixam claro para o telespectador que, mesmo tendo a informação precisa, contenta-se. Afinal, ele é testemunha dessa construção em tempo real. Não há como duvidar que as informações ainda são superficiais, incompletas, que não deu tempo apurá-las. A legitimidade está no próprio testemunho, afinal, os fatos para a maior parte do jornalismo profissional, os “os fatos são sagrados” e para com ele exige-se uma “grande porção de responsabilidade moral” (GROTH, 2011).

Observamos que o processo de construção da notícia, numa longa cobertura ao vivo, e de um fato não programado e inesperado, tem cada vez mais disponibilidade de ser recheado por imagens de vários locais, equipamentos e plataformas. A informação visual, com toda sua carga simbólica e representativa, é usada exaustivamente e seus vários ângulos e olhares trazem a isca da curiosidade e da atenção. Mas a palavra, nesse momento, é usada apenas como uma “tentativa” de registrar o acompanhamento legítimo da mídia, discurso de um profissional e de uma equipe creditada para isso. Não é a materialização da informação precisa; da história, com seus personagens, motivos de ação e reação, plena. O discurso/enunciado surge através dessa cadeia de condicionantes, que vão fazê-lo objeto de força e transformação:

assim concebido, não é a manifestação, majestosamente desenvolvida, de um sujeito que pensa, que conhece, e que diz: é, ao contrário, um conjunto que pode ser determinada a dispersão do sujeito e a sua descontinuidade em relação a si mesmo. É o espaço de exterioridade em que se desenvolvem uma rede de lugares distintos (FOUCAULT, 2005, p. 61).

Os protestos no Brasil surgiram, inicialmente, para contestar os aumentos nas tarifas de transporte público em várias capitais, como Natal,

Salvador, Recife, Belo Horizonte, Porto Alegre, São Paulo e Rio de Janeiro, e ganharam grande apoio popular. Atos semelhantes rapidamente começaram a se proliferar em diversas cidades do Brasil e do exterior em apoio aos protestos, passando a abranger uma grande variedade de temas, como os gastos públicos em grandes eventos esportivos internacionais, a má qualidade dos serviços públicos e a indignação com a corrupção política em geral. Os protestos geraram grande repercussão nacional e internacional.

Nas maiores cidades, tudo foi acompanhado como um show. Além das câmeras tradicionais, dos links ao vivo de vários pontos das cidades e helicópteros, foram usadas imagens feitas pelos celulares e enviadas ao vivo para os telejornais; vídeos feitos por colaboradores, conhecidos ou não, minutos antes de serem exibidos foram colocados no ar, com informações repassadas pelas supostas testemunhas, que fizeram, como cidadãos, a legítima análise e interpretação e que, por sua vez, muitas vezes era reproduzida para milhares de pessoas na televisão. Esse é um dos exemplos de cobertura que nos colocam diante de questões caras ao jornalismo contemporâneo, como: o desejo de mostrar a imagem forte em tempo real justifica repassar uma informação imprecisa, momentaneamente? O que faz os jornalistas pensarem que telespectadores querem ver imagens distorcidas, balançadas e, muitas vezes, sem informações claras, em detrimento da informação completa minutos depois? Quais os elementos decisivos na construção do acontecimento transmitido ao vivo, de longa duração? Essa é uma forma legítima de se contar a história cotidiana (LE GOFF, 2001) dos fatos na contemporaneidade? Até que ponto essas ações, que possibilitam a visão e não apenas a escuta das notícias, preservam o sentido ético ao contar a verdade dos fatos? Sobre isso Otho Groth fez o seguinte apontamento:

Mediar a verdade, tão longe quanto possa ser vista no presente é e permanece essencialmente a tarefa do periódico. E não se tira o compromisso com a veracidade do jornalista, do repórter. Todo o jornalismo se baseia em fatos por causa da essência do periódico. Ele parte de fatos, o fato é o principal. Nós falamos o suficiente do vínculo do jornalista com os fatos (GROTH, 2011, p. 376, 377).

Algumas dessas perguntas ainda estão sem respostas e outras foram, parcialmente contempladas, possibilitando a formulação de algumas hipóteses que nosso estudo pretende verificar e provar ao final da pesquisa. São hipóteses baseadas na literatura estudada e nas mudanças do conteúdo que tem ido ao ar. Vimos, por exemplo, que para a justificativa de se “doar” um fato construído no momento em que ele acontece, a “cobertura jornalística de longa duração das tvs” coloca à margem do processo, momentaneamente, um dos princípios básicos do jornalismo, o da precisão da informação; a construção social baseada nessas imagens instantâneas, vindas de plataformas móveis, como celulares, ou da longa narração de natureza improvisada, baseada na observação de imagens e descrição de cenas, gera o que estamos chamando de *jornalismo difuso*, aquele que tem a legitimidade do profissional e da mídia, mas que ainda não pode “carimbar” a informação como representação real do acontecimento. As imagens de cenas, vídeos compartilhados na internet, vistos pelos profissionais de televisão estão influenciando, cada vez mais, na decisão de colocar cenas que chamam a atenção do telespectador, mas que ainda precisam ter o seu real sentido investigado, contradito, contraposto e refletido.

O que estamos querendo fazer é entender como, atualmente, as decisões e comportamentos em uma longa cobertura ao vivo, de fatos não programados, são determinantes na maneira como o acontecimento é enunciado e como eles colaboram para a materialização desse jornalismo ainda em construção, no qual a precisão na informação, num primeiro momento, não é prioridade absoluta. O que podemos observar, inicialmente, é que é preciso identificar os cenários que definem decisões dos atores sociais envolvidos na construção do acontecimento jornalístico não programado, que eclodiu na sociedade; entre as medidas dessa conceituação, buscamos fazer um levantamento dos recursos técnicos e tecnológicos de imagem utilizados na construção do fato, numa cobertura de longa duração; buscar desvendar critérios utilizados por profissionais de televisão na hora de definir quais imagens ao vivo irão ao ar para dar sentido da informação jornalística; ou como estão definidos, atualmente, os processos de manipulação e exibição de imagens ao vivo que dão um caráter atual e real à notícia, que permitem que os telespectadores vejam

os acontecimentos no momento em que estes acontecimento nascem, mesmo que não se tenha a informação completa.

É imprescindível levar em conta também como o poder de improviso e interpretação de quem comanda a cobertura, repórteres ou apresentadores, contribui para a construção significativa de um acontecimento, bem como o capital cultural ou repertório cultural do jornalista e comentarista de uma longa cobertura, ao vivo, que definem o perfil do acontecimento.

Vale registrar que nosso estudo entende o jornalismo, inclusive o de TV, como uma forma de conhecimento. Por isso, levar em conta métodos de apuração, preocupação com a audiência e a produção da informação que chega à sociedade. O homem conhece o mundo pelo outro homem, pelos livros (leitura), observação, experiência e vivência. Ao se apropriar das ideias, dá novos significados. Acreditamos que o telejornalismo é uma pouco de tudo isso. Tudo organizado, condensado, enquadrado, reproduzido e, na medida do possível, feito para ser entendido facilmente, consumido e, num ciclo ininterrupto, repassado. O telejornalismo se apropria de informações geradas na realidade cotidiana, nas práticas sócias, geradas por intuição ou necessidade; nascidas, inevitavelmente, de uma catástrofe natural, por exemplo, ou de uma tragédia humana e social; apropria-se de dados referenciados em documentos, reproduções oriundas de observação e do testemunho e, ao unir, estes produtos da realidade social cria num tempo uma formas objetiva de conhecer a vida que nos cerca, que de alguma forma nos identifica, nos emociona, nos revolta e nos transforma.

O fato é que o telejornalismo consegue esse feito de mexer com as pessoas, completando espaços vazios de suas consciências de mundo, reformando conceitos experimentados e ouvidos, desconstruindo e remexendo o baú de nossas lembranças de vida, porque coloca diante de nós questionamentos sobre nossas crenças e verdades naturalizadas, ou seja, nos coloca diante de um conhecimento. Mas, ao ser submetido às regras de captação, produção e transferência, esse conhecimento difere do que faria qualquer cidadão? O que um sujeito treinado para produzir

conhecimento de forma rápida, com métodos considerados apenas técnicos e não “científicos” faz diferente de uma pessoa normal?

Compartilhamos com a ideia de Pereira Júnior (VIZEU,2012), que atribui, entres as várias funções do telejornalismo, a pedagógica. Não estamos falando de uma TV que é escola, instituição educacional, ou com programação voltada para a educação formal. Fazemos referência a sua necessidade de se fazer entender, por sua vez utilizar de mecanismos para em meio ao processo de apuração, seleção e nomeação, o discurso orgânico, gerado pela sociedade, pelo acontecimento seja desapropriado, apropriado e redistribuído de uma maneira que atinja seu principal objetivo, o de se comunicar. Por isso, a nossa preocupação em discutir o grau de profundidade e apuração desse jornalismo marcado pela dinâmica de captação, geração, transmissão e publicação de imagens sem pensar no impacto que essa informação vai provocar.

A revolução

Se, na década 60 do século passado, o aparelho de videoteipe provocou uma revolução no processo de construção das notícias editadas, as possibilidades de captação, geração e transmissão de imagens ao vivo, nos dias de hoje, também estão provocando mudanças significativas na produção das notícias em tempo real e em longos períodos. Câmeras espalhadas por vários pontos da cidade e em várias cidades, celulares que enviam imagens em tempo real para os setores de exibição das TVs, permitem, com rapidez, mobilizar uma longa transmissão ao vivo, de um fato imprevisto, imprevisível, mas que eclodiu e trouxe a anormalidade (CHARAUDEAU, 2006). O fetiche de mostrar o real no momento em que ele acontece, com fatos que têm interesse público e que podem ser acompanhados com capítulos de novela, colocam o jornalismo dentro de uma dinâmica em que a imagem chega antes da palavra e não espera para ser significada depois de um período maior de investigação. As imagens geradas em tempo real são objetos de uma construção difusa da realidade; com descrições, conjecturas, interpretação de cenas e ações. O telejornalismo, dono das informações “verdadeiras” e, poucas vezes contestadas, é palco de uma construção minuto a minuto, com uma linguagem condicional, relativa e baseada em suposição e, em algumas

vezes, insinuações. Se, por algum tempo, essas palavras estariam longe da gramática jornalística nas coberturas ao vivo de longa duração, agora fazem parte da linguagem de quem constrói o acontecimento no momento em que ele é gerado.

O fetiche de mostrar o real no momento em que ele acontece, com fatos que têm interesse público e que podem ser acompanhados com capítulos de novela, colocam o jornalismo dentro de uma dinâmica em que a imagem chega antes da palavra e não espera para ser significada depois de um período maior de investigação. As imagens geradas em tempo real são objetos de uma construção difusa da realidade; com descrições, conjecturas, interpretação de cenas e ações. O telejornalismo, dono das informações “verdadeiras” e, poucas vezes contestadas, é palco de uma construção minuto a minuto, com uma linguagem condicional, relativa e baseada em suposição e, em algumas vezes, insinuações. Se, por algum tempo, essas palavras estariam longe da gramática jornalística nas coberturas ao vivo de longa duração, agora fazem parte da linguagem de quem constrói o acontecimento no momento em que ele é gerado.

Como profissional de televisão, vivo essa construção, diariamente. Como conduzir uma cobertura de longa duração de um fato que nasce e cresce na hora em que meus olhos e os olhos dos telespectadores estão vendo sem repassar ou cristalizar uma informação errada? Interpretar? Descrever? Usar o repertório cultural para o imprevisto, fazer relações com outros fatos? Pretendo fazer este estudo para compreender os elementos desse momento fugaz, mas que precisa ser contado e significado. Como professor universitário, acredito que esse estudo, aliado às referências práticas, também poderão contribuir com a reflexão da dinâmica da construção social do acontecimento jornalístico. Um simulacro interesseiro, como afirma Pinto:

todo discurso é um simulacro interesseiro, produzido com o objetivo de se conseguir dar a última palavra na arena da comunicação, isto é, de ter reconhecido pelos outros as representações, identidades e relações sociais construídas por seu intermédio. Os textos narrativos são os exemplos mais espetaculares disso: a narração é um dispositivo instrumental de

distribuição de afetos a serviço da sedução e cooptação (PINTO, 2002, p. 88).

Temos uma vasta literatura com conceitos, novos e antigos, sobre a construção do acontecimento em telejornais editados, concebidos sob a égide da linha editorial, das rotinas de produção e dos agendamentos. Mas, queremos ampliar esse estudo, fazendo uma análise sobre a construção do conteúdo, do acontecimento, nas longas transmissões ao vivo, onde manter o telespectador informado por várias horas, com imagens fortes, descrições, interpretações, improvisos e também constatações, requer agilidade, requer estratégias para lutar contra o real imprevisível, os problemas técnicos escondidos nas ondas de transmissão via internet ou via satélite.

Quando os telespectadores em geral assistem ao jornal para decifrar códigos verbais e não verbais, signos, e se alimentar de informações que o tornem um ser cultural, político e social, não devem imaginar o que há detrás de cada palavra dita, de cada imagem recortada, de cada sequência de abordagem. Aliás, não é fato que alguém o possa fazer, nem o próprio sujeito enunciador, nem nós que, a todo instante, nos atrevemos a adentrar nessas intempéries de sentido. Há como imaginar o que está além do texto de TV? Quais os verdadeiros desejos e vontades? É possível estar ciente do efeito dos significados somatizados e complementares? Acreditamos que até seja possível perceber nos textos jornalísticos essa tentativa de refletir o mundo, de procurar verdades, vê-lo como espelho (PENA, 2005). O difícil é conseguir quantificar e qualificar a produção de sentidos naqueles acontecimentos discursivos segmentados, segregados e muitas vezes desfigurados. Aliás, acreditamos que o discurso midiático é aquilo que entendemos como representação simbólica, pois, como afirma Gregolin:

O que os textos da mídia oferecem não é a realidade, mas uma construção que permite o leitor produzir formas simbólicas de representação da sua realidade concreta [...] participa ativamente, na sociedade atual, da construção do imaginário social, no interior do qual os indivíduos percebem-se em relação a si mesmos e em relação aos outros (GREGOLIN, 2003, p.97).

Seguindo essa trilha, acreditamos que o jornalismo é a reinvenção segmentada de histórias da vida real, feito do mosaico de palavras significadas; são as representações sociais materializadas de forma organizada na desordem dos fatos; efeito de construção discursiva que transforma e invade o espaço do social na busca de, por natureza, alongar, transportar, materializar, refazer o que não tem volta e, por sua vez, criar novos fatos para realimentar esse efeito de realidade.

Nas longas coberturas ao vivo, quando apresentadores e repórteres passam horas acompanhando, em tempo real, dois sistemas semiológicos: o da imagem e o da palavra.

Dessa combinação nasce um produto, talvez mais apto do que outros a fabricar imaginário para um grande público, isto é, um espelho que devolve ao público aquilo que é sua própria busca de descoberta do mundo. Mas diferente do cinema, a televisão esta obrigada, por contrato, a dar conta de uma determinada realidade. Assim sendo ela não pode se apresentar como máquina de fabricar ficção, mesmo que, afinal, seja isso que ela produza (CHARAUDEAU, 2006 p. 223).

Neste caso, algo em processo de montagem. A imagem parece gritar. Um pedido de ajuda para que a palavra a sustente, a torne clara, mais significativa. Mas é onde nasce o dilema, porque a informação jornalística, enunciada, sistematizada pela linguagem, e que tem como base o cruzamento de enunciação de fontes oficiais, testemunhas e atores sociais, ainda não está formatada. Diferente de montar a significação para um jornal da próxima hora, pensado e editado com tempo mais largo. A história cotidiana, assim, ao vivo, *on time*, nasce sem ensaios, com necessidade de improviso e de resgatar o arcabouço cultural e de conhecimento, mas sempre mediada e circunscrita pela amplitude técnica, numa liberdade delimitada (CORCUFF, 1995, p.42). Mas a precisão que poderia ser colocada em xeque é sustentada pela natureza do processo de construção, interpretação e observação que parte do enunciador a caminho do observador. Mas eles estão no cenário dialógico, como ressalta Nibert Elias, quando afirma que há um tecido de

interdependências no interior do qual o indivíduo encontra uma margem de escolha individual e que, ao mesmo tempo, impõe limites à sua liberdade de escolha.

Há um tecido de interdependência no interior do qual o indivíduo encontra uma margem de escolha individual e que, ao mesmo tempo, impõe limites à sua liberdade de escolha. O grau de autonomia de cada ator deve então, em cada caso, ser determinado por análise semiológica concreta. Nbert Elias observa, aliás, que as cadeias de interdependência se alongaram em nossas sociedades modernas mais complexas e que o indivíduo se situa no cruzamento de um maior número de redes de inter-relações. (CORCUFF, 1995, p. 42).

O jornalismo (inclui-se aqui o telejornalismo) está enraizado na sociedade como face importante no processo de formação de opinião e de transformação social. Isso se deu, segundo Jürgen Habermas, quando da mudança estrutural da esfera pública, que se transforma desde a “ideia de cidadania nas praças atenienses à noção de publicidade nos tempos atuais”, incluindo aí a “mídia (a imprensa como parte dela) que assumiu privilegiada condição de palco contemporâneo do debate público” (*apud* PENA, 2005). Na sua empreitada diária visando os olhos do grande público, o telejornalismo traz a história, a memória, apropria-se de práticas para construir um sentido presente e já especular uma realidade que pode se prefigurar no futuro. Se não o faz por intenção, o faz por um processo natural. Os sustentáculos desse processo são as estratégias discursivas que atraem, convergem, convencem e, por que não dizer, enfeitam.

Citar fontes, ouvir as versões, ampliar as fontes, dar acesso às informações igualmente são características da busca da verdade ética. Caminho comum na rotina de produção de um jornal. Mas que, no caso de uma cobertura ao vivo, no fervor da hora, pode se perder no meio do caminho. No caminho de ratificar a verdade constitutiva do jornalismo, é necessário não só a transformação do episódio da vida em relato, mas a utilização no relato das características desse real. O telejornalismo, como um todo, encaixa-se dentro não só das formas específicas de

reinvenção (simbólica) do “real” ou representação da “realidade”, mas perpassa caminhos pré-estabelecidos pelos interesses desta ordem. Afinal, nesse campo de produção de sentidos, “o desejo diz” e “a instituição responde” (FOUCAULT, 2004). E é assim que o real está no telejornalismo, é assim que o sujeito-jornalista produz a discursivização. Essa ordem começa, termina e silencia os discursos. É ela que estabelece o começo e o fim deste percurso, encabeçados pelas formações discursivas e ideológicas, pela memória social e pelas identidades de um sujeito, materializados pela ação transformadora da linguagem.

Para compreender como isso acontece, o analista precisa voltar. Tentar refazer o caminho traçado pelo jornalista ou mediador social – como caracteriza a jornalista Cremilda Medina (1973) – no momento da construção dos sentidos, através do texto. É buscando saber de onde ele fala, para quem ele fala, e quais as condições do processo de produção dessa fala, que poderemos compreendê-lo enquanto articulador de sentidos, distribuidor de interesses, um sedutor discursivo, por isso agente transformador. A regressão nos permite galgar, compreender de uma forma particular, através de um olho específico, a matemática dos sentidos e significações que se perfazem em cada título, palavra, em cada ponto, em cada vírgula, que são inseridos pelo jornalista no processo de criação de uma matéria jornalística. É o que queremos fazer com esta pesquisa.

O processo de construção da notícia numa longa cobertura ao vivo requer dos atores envolvidos decisões rápidas, poder de improviso, capital cultural e experiência. Tudo passa por escolhas subjetivas e arbitrárias, pois depende do conjunto dos valores e experiências vivenciadas pelos envolvidos no processo. Assim, nosso tema de pesquisa, baseado no conceito de jornalismo como um processo em construção, está exigindo uma investigação qualitativa, indicando a necessidade de uma combinação de métodos que valorizem a observação participante sobre o trabalho dos profissionais de telejornalismo dentro dos princípios do *newsmaking* (PENA, 2005). Nessa abordagem, buscaremos estudar o caminho que os acontecimentos cotidianos levam para se tornar notícia e, principalmente, o modo como se dá a rotina de trabalho dos jornalistas

num dia em que o fato deve ser acompanhado em tempo real, minuto a minuto.

O método *Sense Making* complementa este estudo, possibilitando a compreensão de todo o processo de construção do sentido da informação jornalística (CABRAL, 2012). O principal instrumento do método é a entrevista da linha de tempo de “micro momentos” da construção do sentido, cujo roteiro é dividido em três partes: quando o entrevistado descreve sua rotina, quando descreve os procedimentos utilizados para realizar uma busca e uso de informação, e quando detalha os recursos e o auxílio recebidos na sua trajetória de transformação dos fatos em notícias.

Para um maior detalhamento fatos ocorridos antes da pesquisa e outros que eclodam no momento da pesquisa, quando poderemos acompanhar *in loco* o trabalho dos atores sociais na construção da história imediata (LE GOFF, 2001), podem ser usados como objeto de análise.

Um conjunto de variáveis foi definido para nortear o trabalho de campo e a análise a partir dos objetivos traçados: a rotina e o tempo de realização das tarefas dos profissionais do telejornal; os recursos técnicos e tecnológicos empregados na captação e geração de imagens; os termos empregados pelos atores envolvidos na construção discursiva; os conflitos presentes nos processos de escolhas do dia; as práticas e os tipos de manipulação empregados, os motivos e critérios de escolha.

Referências

- CABRAL, Águeda. **Realidade expandida**: narrativas do digital, edição e produção de sentidos no jornalismo. 2012. [Tese Doutorado em Comunicação] – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.
- CORCUFF, Philippe. **As novas sociologias**: construções da realidade social. Bauru: Edusc, 2001.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 7 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução: Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- GREGOLIN, M.R. (Org). **Discurso e mídia**: a cultura do espetáculo. São Carlos: Claraluz, 2003.
- GROTH, Otto. **O poder cultural desconhecido**. Petrópolis: Vozes, 2011.

- LE GOFF, J. **A história nova**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- MEDINA, C.; LEANDRO, P. R. **A arte de tecer o presente**. São Paulo: Summus, 1973.
- PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na TV**: manual de telejornalismo. 2 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.
- PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005.
- PINTO, M. J. **Comunicação e discurso**: introdução à Análise do Discurso. São Paulo: Hacker Editores, 2002.
- PORCELO, Flávio; VIZEU, Alfredo; COUTINHO, Iluska. (Org.). **O Brasil (é) ditado**. Coleção Jornalismo audiovisual. Vol.1. Florianópolis: Insular, 2012.
- TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**: porque as notícias são como são. Vol.1. Florianópolis: Insular, 2004.